



PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Tuesday 3 May 2005 (morning)
Mardi 3 mai 2005 (matin)
Martes 3 de mayo de 2005 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os dois textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 1 (a)

Pesem embora as alterações havidas na organização social e nas estruturas familiares (diminuição de nascimentos, intensificação do divórcio), há privilégios que os homens têm conseguido manter: a sua não participação nos trabalhos domésticos e nas responsabilidades com a “criação” dos filhos.

5 Não sendo o trabalho doméstico remunerado, é encarado com desprezo, só porque na economia do trabalho o rotulam de não produtivo, isto é, não contributivo para o crescimento económico. É o chamado trabalho das donas de casa, que escapa à quantificação dos economistas e meios políticos e que, pela própria natureza masculina de quem o qualifica, está condenado à ignorância. Nas nossas sociedades de propriedade e crescimento, o que não se paga não tem
10 valor.

Por trabalho doméstico, não considero só o somatório das tarefas distribuídas por um ou outro, ou outros elementos da família, mas muito mais que isso, ou seja, toda a gestão da casa, mesmo aquela que fica por fazer, toda a superação de contratempos da última hora, considerados tão comezinhos¹ como sejam a mulher-a-dias² que falta, a máquina que avaria, a doença dos
15 filhos, o destinar de refeições dentro de orçamentos escassos. E efectivamente, a difícil arte de conseguir o equilíbrio entre este trabalho doméstico e a vida profissional, reclama a reorganização do trabalho com o parceiro homem.

Depois do século XIX, a mulher ganhou terreno, introduzindo-se progressivamente nas profissões e sectores até então interditos. O que muitas vezes acontece é o trabalho exterior
20 destinado à mulher ser, tão só, o prolongamento das tarefas de casa: passa da costura doméstica aos têxteis e à confecção, da cozinha familiar ao trabalho de servente³, dos cuidados de família ao trabalho de enfermeira, do ensino caseiro a educadora de infância.

Maria Alfreda Cruz e Maria Manuela Carvalho, *Mulheres em Movimento*, (2004) Portugal

¹ comezinhos – simples

² mulher-a-dias – faxineira (Brasil)

³ servente – empregado que executa serviços auxiliares

Texto 1 (b)**Mulheres formadas e com bons empregos trocam tudo para poder cuidar dos filhos e do marido**

O inimaginável começa a acontecer. Depois de décadas lutando pela igualdade de direitos com os homens, as mulheres estão virando donas-de-casa novamente. E são mulheres com formação universitária, empregos bem remunerados e maridos que as respeitam. Ontem, lutavam para ter as mesmas oportunidades que os homens e adiavam o casamento e a maternidade em nome da carreira. Hoje, levam os filhos ao colégio, ao clube e ao inglês, administram o orçamento familiar e preparam “aquele jantar” todos os dias. Um número ainda reduzido, mas crescente, de mulheres está trocando a realização profissional pela pessoal. O elemento desencadeador desta virada, é, em geral, a chegada dos filhos. Sentindo-se ao mesmo tempo insatisfeitas e culpadas por não terem tempo para acompanhar o crescimento dos pequenos, algumas têm vontade, coragem e estrutura financeira para largar tudo. Com a crise económica, poder abandonar um emprego, é um luxo para poucas. “Conciliar carreira, casamento, maternidade era o sonho da maioria. Hoje, é uma utopia ou um pesadelo que custa caro”, diz a socióloga Vera Aldrighi.

Em 2003, Vera entrevistou 1.300 homens e mulheres das classes A, B e C em quatro capitais. Constatou, em todas as faixas, o desejo por uma qualidade de vida incompatível com tantas tarefas. A maioria das que largam o emprego o faz porque é muito caro manter uma estrutura em casa. Outras, desistem porque se sentem sobrecarregadas de responsabilidade. A novidade é o terceiro grupo: realizadas profissionalmente que optam por voltar ao lar. “Não é uma decisão fácil”, diz a advogada Roberta Correa, de 35 anos, mãe de Felipe, de 7, e de Bruna, de 4. Depois de trabalhar três anos em um conceituado escritório de Direito de Família, ela engravidou. Não passava por sua cabeça virar mãe em tempo integral. Ela começou a trabalhar com 17 anos, amava a profissão acima de tudo. Jamais faltava, levava trabalho para casa e sonhava virar sócia. “A experiência da maternidade mudou minhas convicções”, conta. “Voltei para o escritório quando a licença maternidade acabou, mas, depois de um mês tirando leite no banheiro¹ e telefonando de meia em meia hora para casa, pedi as contas.”

Revista *Época*, (2004) Brasil

¹ banheiro – casa de banho (Portugal)

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 2 (a)**As cidades e a solidão**

A natureza fez o homem e o homem fez a cidade. Antes da Revolução Industrial apenas três por cento da população mundial vivia nas cidades. Depois, ao longo dos últimos dois séculos, a História acelerou mais do que nos últimos quarenta mil anos. E com a vertigem da história as cidades dilataram-se.

5 Foi neste século, em Londres, que surgiu a primeira megalópole¹ de mais de cinco milhões de habitantes. Quando este século terminar, haverá cerca de 60 gigantescos cogumelos urbanos acima desse número. Por essa altura, no ano 2000, mais de metade da população mundial viverá ou sobreviverá no espaço urbano. As cidades são ecossistemas² artificiais. Frágeis estruturas onde a qualidade e a segurança da vida humana vacila muitas vezes. Mas as cidades são também
10 o ambiente propício para o nascimento de enormes criações do espírito humano. O pensamento filosófico, científico e artístico seria impensável sem o cadinho³ de ideias, diálogo, polémica e competição intelectual que só as cidades permitem.

15 Contudo, no plano do espírito, as cidades são o lugar de eleição de uma patologia particular e complexa associada à experiência da solidão. A reunião artificial de tantos seres humanos provoca uma espécie de ruído da proximidade, um tipo particular da surdez da presença. A solidão das cidades não constitui, porém, apenas o perigo de nos sentirmos vazios e abandonados por entre a multidão. Existe um outro tipo de perigo. O de não sermos capazes de experimentar aquela solidão que nos permite crescer, que nos permite encontrar aquela voz interior fundamental que precisa do sublime da Natureza para ascender até à superfície da nossa consciência individual.

Viriato Soromenho Marques, *Jornal de Letras*, (1994) Portugal

¹ megalópole – grande e importante cidade

² ecossistemas – sistema que inclui os seres vivos o ambiente, com suas características físico-químicas e as interrelações entre ambos

³ cadinho – lugar onde as pessoas, coisas, entidades se misturam ou se fundem

Texto 2 (b)

Na cidade onde nasci

Na cidade, quem olha para o céu?
É preciso que passe o avião...
Quem me dera o silêncio, a solidão,
Onde pudesse, alguma vez, ser eu.

5 Na cidade nasci; nela nasceu
A minha dispersiva inquietação;
E o meu tumultuoso coração
Tem o pulsar caótico do seu.

Ah! Quem me dera, em vez de gasolina
10 O cheiro da terra húmida, a resina
A flores do campo, a leite, a maresia!

Em vez da fria luz que me alumia,
O luar, sobre o mar em tremulina...
– Divina mão compondo uma poesia.

Carlos Queirós, *Desaparecido e outros poemas*, (1998) Portugal